

ELAINE CRISTINA MAIA NASCIMENTO E RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS

## Urbgrafias: (Com)posições e o jogo do caber, Andarilhos Urbanos e o jogo do caminhar. Reflexão sobre trabalhos em processo

*Urbgrafias: (Com)positions and the fit game, Urban Wanderer and the walking  
game. Reflection on the work in process*

**Elaine Cristina Maia Nascimento**

Arquiteta e cenógrafa, formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e também Artista da Cena, graduada em Artes Cênicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (2009). Possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (2018), e em Artes Cênicas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (2014). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

*Architect and scenographer, graduated from the Federal University of Ceará (UFC) and also Scene Artist, graduated in Performing Arts from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará (2009). She holds a master's degree in Architecture and Urbanism from the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Santa Catarina (2018), and in Performing Arts from the Postgraduate Program in Performing Arts at the Federal University of Bahia (2014). She is currently a doctoral student in the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Santa Catarina (UFSC).*

elanascimentoarq@gmail.com

**Rodrigo Gonçalves dos Santos**

Arquiteto urbanista, doutor em Educação e mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). cursou Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É professor de Projeto Arquitetônico do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade (ARQ/UFSC). Desenvolve estudos e pesquisas sobre experiências estéticas e perceptivas e suas articulações entre a apreensão da arquitetura e da cidade contemporânea com o campo sensível e a poética do espaço. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Artes e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, corpo e cidade; fenomenologia do espaço habitado; dimensão artística e cultural da arquitetura e da cidade; experiências de apreensão da arquitetura e da cidade contemporânea; processos urbanos contemporâneos; processos artísticos contemporâneos; ensino de projeto de arquitetura e urbanismo.

*Urbanist architect, PhD in Education and Master in Production Engineering from the Federal University of Santa Catarina (UFSC). He studied Performing Arts at the State University of Santa Catarina (UDESC). He is a professor of Architectural Design at the Department of Architecture and Urbanism and the Graduate Program in Architecture and Urbanism (PósARQ) at the Federal University of Santa Catarina. Coordinates the Quiasma Group: Interdisciplinary studies and research in architecture, body and city (ARQ / UFSC). Develops studies and research on aesthetic and perceptual experiences and their articulations between the apprehension of architecture and the contemporary city with the sensitive field and the poetics of space. Has experience in Architecture and Urbanism, with an emphasis on Architecture and Urbanism Design, Arts and Education, acting mainly on the following themes: architecture, body and city; phenomenology of inhabited space; artistic and cultural dimension of architecture and the city; experiences of apprehension of contemporary architecture and the city; contemporary urban processes; contemporary artistic processes; teaching architecture and urban design.*

rodgonca@gmail.com

### Resumo

Urbgrafias são cartografias de ações artísticas na cidade, desenvolvimentos de dispositivos de ação e projetos no espaço urbano, com o intuito de acessar a composição e atualização desse espaço operada pelos corpos cotidianos em experiência. Proponho as urbgrafias como forma de refletir sobre epistemologias de projeto baseadas no corpo em experiência, na possibilidade de encantamento da vida através da arte, e na criação de mundos possíveis através da experiência artística. O processo envolve uma reflexão crítica sobre a arquitetura da cidade, a institucionalização do espaço e sobre a materialidade enquanto dispositivo que organiza ou que empodera experiências, revela discursos hegemônicos ou críticos e evidencia processos específicos a cada sociedade em seus contextos históricos. Urbgrafar se refere à cartografia não apenas de ações artísticas, mas das arquiteturas que as envolvem e de seus tempos históricos, da materialidade enquanto dispositivo ou linha de fuga e dos afetos que às constituem. O intuito desse artigo é discutir sobre dois processos de Urbgrafias realizados durante a pesquisa em andamento: um realizado dentro da oficina “Cartografias Sensíveis”, ministrada pelo performer argentino Santiago Cao; e outro no encontro “Ressensibilizando Cidades”, promovido pelo Lasc/Proarq/UFRJ. Os dois eventos serviram de suporte para a realização das ações a partir das atividades de composições artísticas no espaço das cidades de Florianópolis e Rio de Janeiro, respectivamente. Com base no registro do que aconteceu, proponho uma reflexão sobre o processo de cartografia das ações e a possibilidade de deixar ressoar para a escrita a experiência vivida.

**Palavras-chave:** Urbgrafia. Arte. Arquitetura. Cidade.

### Abstract

*Urbgrafias are cartographies of artistic actions in the city, as well as the development of action and design devices in the urban space, in order to access the composition and update of its space operated by everyday bodies in experience. Therefore, I work it as a tool to think about design epistemologies based on bodies in experience, the possibility of enchanting life through art, and the creation of possible worlds through artistic experience. The process involves a critical thinking on cities' architecture, institutionalization of space, and on materiality as a device that organizes or empowers experiences, reveals hegemonic or critical discourses, and shows specific processes to each society and its historical contexts. Urbgrafia refers to the cartography not only of artistic actions, but also of architectures, which involve them and their historical times. It also deals with materiality as a device or a vanishing point to affections that constitute them. The purpose of this article, hence, is to discuss two Urbgrafias processes carried out during the ongoing research: one carried out within the Cartografias Sensíveis workshop, taught by Argentine performer Santiago Cao; and another at the meeting Ressensibilizando Cidades, promoted by Lasc / Proarq / UFRJ. Both events were means to support the realization of the activities through their artistic compositions in the cities of Florianópolis and Rio de Janeiro, respectively. Based on records of what happened, I propose a reflection on the cartography of the actions and a possibility of letting the lived experience resonate on writing.*

**Keywords:** Urbgrafias. Art. Architecture. City.

### Resumen

*Las urbgrafias son cartografias de acciones artísticas en la ciudad, desarrollos de dispositivos de acción y proyectos en el espacio urbano, para acceder a la composición y actualización de este espacio operado por cuerpos cotidianos en la experiencia. Propongo las ciudades como una forma de reflexionar sobre las epistemologías del diseño basadas en el cuerpo en la experiencia, la posibilidad de encantar la vida a través del arte y la creación de mundos posibles a través de la experiencia artística. El proceso implica una reflexión crítica sobre la arquitectura de la ciudad, la institucionalización del espacio y sobre la materialidad como dispositivo que organiza o empodera experiencias, revela discursos hegemónicos o críticos y resalta procesos específicos de cada sociedad en sus contextos históricos. Urbgrafar se refiere a la cartografía no solo de las acciones artísticas, sino de las arquitecturas que las rodean y sus tiempos históricos, de la materialidad como dispositivo o línea de escape y de los afectos que las constituyen. El propósito de este artículo es discutir dos procesos de Urbgrafias desarrollados durante la investigación en curso: uno realizado dentro del taller “Cartografias Sensíveis”, impartido por el intérprete argentino Santiago Cao; y otro en el encuentro “Ressensibilizando Cidades”, promovido por Lasc / Proarq / UFRJ. Los dos eventos sirvieron de apoyo para la realización de las acciones basadas en las actividades de composiciones artísticas en las ciudades de Florianópolis y Río de Janeiro, respectivamente. A partir del registro de lo sucedido, propongo una reflexión sobre el proceso de mapeo de acciones y la posibilidad de dejar resonar por escrito la experiencia vivida.*

**Palabras clave:** Urbgrafias. Art. Arquitectura. Ciudad.

## Introdução

Urbgrafia é uma lente de observação sobre cidade e sua arquitetura. Trata-se da circunscrição de cartografias específicas para a reflexão sobre o espaço: cartografias de ações artísticas.<sup>1</sup> Por sua vez, urbgrafar como verbo em ação, pode ser entendido como o ato de experimentar a cidade através da arte. É a necessidade de falar das políticas dos corpos são e (r)existem, que racham o espaço formalizado pelo uso diário e pelo controle institucionalizado, e de refletir sobre a construção desse espaço e toda sua complexidade, ou seja, sobre os vários elementos que competem a tal construção. No percurso de olhar para as diversas relações que nos constituem refletidas poeticamente no espaço através da ação artística, abordo a construção de um discurso político dos corpos que experienciam o espaço da cidade. Com isso, abro-me à possibilidade de refletir sobre os afetos que constituem a malha subjetiva urbana, assim como de pensar na desestabilização dos circuitos hegemônicos, à medida que falo sobre as margens.

O filósofo e professor Vladimir Safatle (2016), em seu livro “O circuito dos afetos”, faz uma pequena citação sobre o castelo de Kafka. Segundo ele, o castelo “é um corpo do qual todos já fazem parte”, pois este é constituído pelo transitar constante de “aldeãos, funcionários, albergues, cerveja, informações desencontradas. Não há diferença entre o castelo e os camponeses, diz o professor, pois afinal todos fazem parte do mesmo corpo político.” Ainda de acordo com o autor, com essa descrição, “Kafka nos lembra como compreender o poder é uma questão de compreender seus modos de construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos (...). Se quisermos mudá-lo, será necessário começar estar disposto a ser individualizado de outra maneira, a forçar a produção de outros circuitos” (Safatle, p.15, 2016). Proponho aqui associar o castelo à cidade, seja em densidade histórica ou física, seja na dinâmica de formação dos circuitos entre cidadãos e o transitar dos corpos que espacializam a política do lugar. Suas construções inanimadas só respiram através do trânsito do vivo, e pelas ambiências criadas com esse trânsito. O “circuito incessante” de seres vivos transforma tais construções tão “pobres e sem brilho” em qualquer coisa que tem vida. Essa vida se reflete nas ambiências que são criadas com esse trânsito, ou violadas por ele. Ou seja, qualquer coisa que pulsa, que ressoa, que vive, faz o castelo existir. Sem essa ânima, não há castelo, nem cidade.

O espaço urbano, além do entrelaçamento de dados materiais, de sua arquitetura, assim como de seus poderes estabelecidos e de tudo aquilo que o controla e o regulariza, é composto por uma sobreposição de redes e relações, de pessoas, funcionários, passantes, cerveja e fake news. Aquele que habita a cidade, inclusive o que dorme em suas ruas e vaga em seus becos, é o castelo, compõe esse corpo político fazendo parte de tais redes. Elas se estabelecem em uma tessitura heterogênea e não linear, na qual a composição conta com movimentos verticalizados – em que os poderes são instituídos e a história é oficialmente contada – e horizontais – nos quais as relações interpessoais e intersubjetivas são trançadas. E não nos enganemos: essas relações últimas, tais como a aldeia que rodeia o castelo, podem parecer mínimas frente ao poder simbólico da coroa ou da árvore genealógica real, porém, a potência desse circuito, ou dessa rede, apresenta relações de poder que definem os ritmos e normas que são instaurados na dinâmica diária do próprio castelo, pois fazem parte da formação de um corpo político urbano. Sendo assim, visibilizar esses circuitos já que eles representam a própria cidade, ou olhar para os diversos saberes operados

<sup>1</sup> Urbgrafia é um termo elaborado por mim, no processo de pesquisa que compartilho nesse artigo. Para aprofundamento sobre o termo, acessar: NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia. **Urbgrafias: conceitos para experimentação da cidade a partir de micropolíticas e singularidades**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2018, 166p. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

pelo corpo do cotidiano e dos saberes da rua, poderia ser também encontrar outras dinâmicas de cidade. E daí surge o conflito.

Ser e existir de outras formas que desafiam hegemonias é, em si, questionar tais padrões – uma existência que questiona. Quando somos crianças, não cansamos de explorar as capacidades e possibilidades que nosso pequeno corpo demonstra em se relacionar com o espaço ao nosso redor. Ao longo dos anos somos condicionades<sup>2</sup> para que esse corpo se comporte de determinada forma, em determinados lugares e com determinados sexos. Todas aquelas possibilidades descobertas outrora são enclausuradas em formas já criadas de existir em comunidade. Isso não se restringe ao corpo físico, mas pode ser expandido ao corpo social e político, que inventa e cria formas de existir. Lentamente, ao nos inserirmos como seres considerados “socialmente aptos” na medida em que chegamos à vida adulta, entramos em um sistema que exclui “da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver...” (KRENAK, 2019, p.47). E aqui são apresentados dois problemas: o descarte de formas de organização que não se encaixam no padrão político e econômico capitalista, e a postura de ignorar a criança como um ser - que vou apelidar aqui - “socialmente ativo”, que pode em seu processo de descobrir o próprio corpo e o espaço que ele cria ao se relacionar com o outro (ser vivo ou objeto), descobrir também outras formas de organização. Podemos recorrer ainda às formas outras de existência que são silenciadas pelo sistema de organização hegemônico, aquele que é denominado como “padrão” ou como a forma legítima de existir enquanto corpo e castelo. Povos originários hoje, ainda resistem no processo de resguardar suas formas de ser “aldeia”.

A malha urbana – por mais que o termo seja comumente utilizado para definição de estruturas físicas da cidade, proponho o exercício poético de pensar que essa malha ultrapassa a estruturação de vias e circulação, ela chega à composição das relações subjetivas, estrutura uma malha paralela que não possui uma cadência lógica, mas que se conecta em diversos pontos para outros diversos pontos, espalhando-se unicamente de maneira horizontal pelo solo urbano, sem hierarquizações – é constituída a partir do conjunto de afetos que se desenvolvem no solo da cidade, assim como os coletivos e comunidades se estruturam em torno de tipos específicos de trocas e relações. Safatle (2016) nos traz que essas estruturas precisam de afetos específicos para se estabelecer enquanto sociedade, e a queda das mesmas significa a circulação de outros tipos de afetos, que vão definir como os circuitos serão colocados. Se a malha urbana do exercício poético proposto é desenvolvida a partir dessa malha sensível, e entendendo que “formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definido, com isso, o campo dos possíveis” (Safatle, 2016, p.15), na medida em que um coletivo exercita outros movimentos de composição dessa malha sensível, os afetos passam a circular de maneira diferente, reestruturando a malha afetiva e, conseqüentemente, a malha física.

A proposição de reverberação dos circuitos dos afetos, dos movimentos de singularização, do desvio (que será posteriormente explorado enquanto conceito de ação), na estruturação da materialidade arquitetônica, é inspirada na ideia do deslocamento das práticas arquitetônicas e urbanísticas de um sistema de representação da sociedade, para um sistema de composição de mundos possíveis ou como produtoras parciais de subjetividade (GUIZZO, 2010). A questão aqui se coloca em compreender a produção arquitetônica e urbanística como práticas (e não apenas materialidades, e também materialidades) que se relacionam em um sistema de coimplicação com a composição dos circuitos dos afetos que definem

2 Há a tentativa nesse artigo de respeitar a neutralização de gênero na grafia das palavras.

as estruturas sociais: ao mesmo tempo em que são definidos por tais circuitos, definem esses circuitos. Seria entender a ação dos arquitetos urbanistas como práticas, e levar em consideração o poder de transformação do corpo em trânsito na materialidade, assim como da criação de ambiências a partir desse deslocamento. Talvez possamos compreender a intervenção do objeto arquitetônico de natureza efêmera ou permanente assumindo, ainda, que ele nunca será permanente de fato devido, justamente, à ação do corpo na materialidade construída e às ambiências propostas e recriadas. Dessa forma, pensar na reorganização desses circuitos seria também pensar na reorganização dessas ações a partir da proposição de outras formas de existência.

Essa lógica se apoia no que as autoras Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto (2012) utilizam na constituição do conceito de corpografias: cartografias de corporalidades que são produzidas em experiências com o espaço urbano, em que não se distinguem objeto cartografado e sua representação, justamente pelo caráter processual e de complicação presente nessa composição. Ao retomar o pensamento inicial e com base no que foi exposto até agora, proponho que na medida em que repositonamos e problematizamos as formas normais de habitar, de transitar, de planejar e projetar pensemos em formas diferentes de circulação desses afetos, chegando-se assim a experiências espaciais e projetuais outras.

## Desviando é que a gente se entende

A primeira urbgrafia proposta, no intuito de desestabilizar os processos de individualização e de construção desses circuitos, foi baseada na experiência do desvio como ação perturbadora das normas estabelecidas e como possibilidade de desnortatização de práticas. A noção de desvio, aqui trazida em agenciamento com as Cartografias Sensíveis<sup>3</sup> de Santiago Cao (2018), pode ser associada ao desamparo de Safatle (2015), pois “estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me despossei dos predicados que me identificam. Por isso, afeto que me confronta com uma impotência que é, na verdade, forma de expressão do desabamento de potências que produzem sempre os mesmos atos, sempre os mesmos agentes” (SAFATLE, 2016, p.21). Ou seja, se propor a outras formas de relação com o mundo normatizado, expondo publicamente essa opção por desviar do habitual.

Para ilustrar o conceito de desamparo, Safatle se vale da obra de Ives Klein “Salto no Vazio”, ressaltando a instabilidade do salto e a insegurança da queda eminente, em que “não se trata de caminhar em sua direção como quem nos convida ao amparo calmo de uma sessão de ataraxia. Trata-se de lembrar que o vazio nunca foi e nunca será inerte” (SAFATLE, 2016, p.35). Trata-se de ir ao encontro do desconhecido, daquilo que nos tira da zona de conforto e confronta certezas, do ato de se jogar no chão duro e implacável na esperança de nos encontrarmos com o que “nos faz sermos afetados pelo que parece não ter materialidade possível simplesmente por desarticular a gramática do campo de determinação da existência material presente” (SAFATLE, 2016, p.36). Krenak também utiliza a queda como possibilidade de desestabilizar os

<sup>3</sup> As Cartografias Sensíveis são um método de cartografia coletiva do espaço urbano que se vale de experiências corporais e sensíveis nesse espaço para a construção in process dessa cartografia: é composta por afirmações móveis que vão se modificando a cada contato/experiência com o espaço a ser cartografado. Vale-se do entendimento do espaço público enquanto espaço de expressão, seja de práticas normalizadoras, ou seja, práticas que seguem as normas sociais estabelecidas (que não precisam necessariamente estar de acordo com leis ou regulamentações) sejam de práticas desviantes, práticas que fogem à norma, mas não propriamente a violam. Essa violação pode ser caracterizada ainda como práticas violatórias, ações que causam ruídos e embates frente as práticas ditas normais. Ao contrário dessa, as práticas desviantes causam um ruído que não leva à violação das normas, “se parece tanto quanto, mas sem ser”, causando um conflito que não gera o embate direto, mas um embate reflexivo, ou um conflito que pode levar à um diálogo.

padrões e criar outras realidades possíveis: “talvez estejamos muito condicionados a uma ideia de ser humano e a um tipo de existência. Se a gente desestabilizar esse padrão, talvez a nossa mente sofra uma espécie de ruptura, como se caíssemos no abismo. Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?” (KRENAK, 2019, p.62). A inconstante possibilidade de ser avesso ao que nos parece certeza, nos traz a sensação de perda e de falta de produtividade. Essa sensação, em um mundo no qual até nossas subjetividades são postas dentro de um sistema produtivista, assemelha-se ao estar perdendo algo. Por isso estar desamparado é se permitir cair e pensar “no espaço não como lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas colorido” (KRENAK, 2019, p. 30), onde esse paraquedas é a rede que não nos garante como será o pouso, mas pelo menos pressupõe que o impacto não nos tire a vida.

O desvio, enquanto potência de conflito, de desacordo com as práticas socialmente definidas como normais no espaço urbano, encontra o desamparo e estimula a repensar a composição dessas *práticas normalizadoras*, que definem os usos e as espacialidades urbanas. Ele aponta para o lugar do debate, do questionamento de mecânicas de ação institucionalizadas. O desvio pode me levar ao desamparo dos conceitos que regem tais normas. Segundo Cao, ao contrário das práticas violatórias que pressupõe o embate, o desvio se equilibra entre o que é normal e o que viola. Pensar no desamparo como potência de constituição de outro corpo político, pode levar inclusive a repensar a relação entre espacialidade e corpo, entre projeto e cidade. Como seria desamparar a arquitetura<sup>4</sup> de suas formas *normais* de pensar e projetar o espaço, em prol da criação de outros mundos possíveis? (pergunta sem resposta que se repete).

Esses são os princípios que guiaram essa primeira urbgrafia, antes em ação e depois em deambulações teóricas. Elas servem de gatilhos dentro da reflexão não apenas do corpo com a cidade, mas do corpo de arquiteto urbanista com a cidade que ele/ela pensa e projeta, a cidade a qual vislumbra e ante(s)vê. E é exatamente o que não se vê que me interessa, refletir sobre um devir do desamparo, como tática de composição de modos outros de pensar a arquitetura e o urbanismo. A seguir, abordarei um pouco sobre o que foi a ação e quais estímulos que permearam toda a proposição. Logo após, voltarei a deambular, mas de forma teórica e conceitual sobre o que foi experienciado.

## Das ações

### (Com)posições – o jogo do caber

Ação Proposta 1: investigar as possibilidades de relação do corpo com o espaço da cidade, provocando composições com esse espaço que questionem seu uso normal, ou seja, propondo relações que sugerem outros tipos de experiência com o espaço urbano. Eu e o arquiteto urbanista e artista visual Gabriel Villas propomos micro ações desviantes, nem tão normal que não seja percebida, nem tão diferente a ponto de se configurar enquanto uma ação violatória. Com a experiência, queríamos o não

<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, podemos pensar que o fazer arquitetônico e urbanístico já se encontra no desamparo proposto por Safatle desde o pós-modernismo. A constituição de uma crítica ao modernismo por muito tempo se configurou (e ainda se configura) como a possibilidade estética de pensar e fazer arquitetura, colocando-se as discussões em estado de superficialidade por não adentrar em outras possibilidades de proposição, de questionar o próprio fazer. Talvez, o desamparo aqui esteja em abandonar a crítica, abandonar a normatividade de uma produção arquitetônica para se abrir à possibilidade de outras formas de criação e relação. Por mais pessimista que estar desamparado pareça, acredito que o momento do desamparo é apenas uma parte no processo de constituição dessas outras formas de se pensar a prática, sendo a insistência nele, talvez, uma forma de não sair do lugar, de recair na crítica da crítica e andar em círculos.

saber como princípio, não ter certezas de como habitar o espaço, deixando lacunas para outras possibilidades de interação e habitação. Observar através de – através de que saberes observamos o espaço da cidade? Qual a rede de afetos que se estabelece nesse espaço?

*Escolho ressaltar a palavra “através”, escrevendo-a em itálico, pois acho uma relação sugestiva entre as palavras “perspectiva” e “perspicácia” que por sua vez derivam da palavra em latim “perspicere”, a qual está composta pelo prefixo “per” (através) mais “specere” (olhar). Vemos e pensamos desde uma perspectiva, ou seja, através de saberes aprendidos que de maneira perspicaz nos foram ensinados. Cabe nos questionar quais são estes saberes através dos quais estamos vendo e pensando a cidade e as pessoas que a habitam e vivenciam, e como o encontro com os outros e seus outros modos de pensar podem nos ajudar a expandir as nossas possibilidades de viver em sociedade. (CAO, 2018)*

Nesse processo, percebemos também que o através posto em pauta aqui, se referia de forma intensa à relação do nosso corpo com o espaço. Talvez pela formação que nos acompanha em conjunto aos questionamentos propostos a princípio. A necessidade de questionar sob quais óticas percebíamos e sentíamos o espaço foi o disparador da experiência. A necessidade percebida em campo foi a de despir nossa relação anterior com o espaço para construir outras relações com ele, renunciar nosso entendimento técnico para dar vasa a um entendimento sensorial. E conseqüentemente, relacionar nosso corpo já em relação com o espaço, com os corpos passantes.



FIGURA 1 – “(Com)posições – fazer caber”.

Foto: Joice Schenkel.



FIGURA 2 – “(Com)posições – fazer caber”..

Foto: Joice Schenkel.



FIGURA 3 – “(Com)posições – fazer caber”.

Foto: Joice Schenkel.

Esses foram os princípios e questionamentos que guiaram essa primeira prática. Munidos desses conceitos, fomos a campo e experimentamos esse não saber como possibilidade de se despir dos predicados que nos definem enquanto arquiteto e arquiteta para constituir, a partir da experimentação, outras possibilidades de relação com o espaço. Ao fim da proposta, descobrimos que a ação pode ser dividida em dois momentos: na experiência vivida em si, e na sua posteridade através das fotografias, contando com uma terceira performer e o olhar mediado pela lente da câmera fotográfica. Essa segunda etapa da ação só foi percebida depois, ao nos depararmos com as imagens geradas e ao percebemos o poder comunicativo de tais imagens e de como elas ressoavam tudo que foi vivido e experienciado.

Dentro da proposição trabalhada, é importante destacar três elementos que compõe a ação, fruto do contato com as Cartografias Sensíveis propostas pelo performer argentino Santiago Cao (2018): as ações normativas, violatórias e as desviantes. Entendemos que o sistema social que habitamos é composto por normas que definem o que é normal naquela sociedade ou espaço. Tais normas se articulam entre normas explícitas, de acesso ao entendimento de forma clara, tais como placas, legislação e sinalizações; e as implícitas, que são perpetuadas por um viés comportamental. Segundo Safatle (2016), esse sistema de normativas é intersubjetivamente partilhado, estando aí seu poder de coesão, ou seja, as normas comportamentais tem um forte poder de organização por justamente serem compartilhadas de forma subjetiva, através da construção social do sujeito. Assim, a crítica reside na diferença performativa entre as ações reais e cotidianas, e o que tais normas asseguram ou delimitam.



FIGURA 4 – “(Com)posições – fazer caber”.

Foto: Joice Schenkel.

Desse ponto de vista, podemos entender as ações normalizadoras ou normais como aquelas nas quais os corpos atendem ao sistema de normas sociais partilhado, sendo as ações desviantes e violatórias críticas performativas a esse sistema. A diferença é que, enquanto as ações ditas violatórias extravasam tal crítica ao ponto do conflito direto que, em muitos casos, resulta na imposição de visões de mundo, as ações desviantes convidam ao conflito, sendo disparadoras de diálogos entre os corpos normalizados e aqueles em desvio. Ainda no caráter de tecer relações, podemos pensar que as ações normais são asseguradas através de um coreopolicimento que delimita o que deve e o que não deve ser feito naquele espaço, como se deve circular e não parar. As ações desviantes, por outro lado, podem ser rebatidas em coreopolítica<sup>5</sup>, ações que questionam as normas impostas e configuram uma coreografia do urbano experienciado pelo corpo político, de uma “distribuição e reinvenção de corpo, de afetos, de sentido. É que toda coreopolítica revela um entrelaçamento profundo entre movimento, corpo e lugar” (LEPECKI, 2012).

Propomos uma experiência em desamparo, não tínhamos certeza de como fazer, e não queríamos ter. Saímos apenas com a ideia do desvio e de habitar de outra forma os espaços. Isso nos levou a proposições óbvias ou inusitadas, a diálogos estranhos. Mas o importante era não ter certeza. Não ter a convicção de como usar, como pensar, para que assim, talvez em um momento seguinte, pudéssemos não ter certeza de como projetar e então, “como eu não sei o que posso, também não sei o que não posso” (CAO, 2018). Desviamos da forma de habitar e nos perguntamos “onde cabe um corpo?”, passando a ocupar os espaços entre, ou reocupando os espaços de outras formas. Experimentamos estar e desdobrar as possibilidades de caber, tal qual uma criança faz quando cria um mundo paralelo e joga com ele. A perspectiva que nos dava estar em um lugar outro era a de perceber como a dinâmica social do espaço funcionava, quem podia ou não transitar ali e de que forma transitava. Quem, de fato, ocupa o Largo da Alfandega no centro de Florianópolis? Quem é o “cidadão ordinário” que todos os dias passa pela rua Felipe Schmidt? Qual a permissividade e disposição desse sujeito para parar?

### Andarilhos Urbanos – O jogo do caminhar

Ação Proposta 2: Entre os dias 2 e 5 de Outubro de 2019, ocorreu o evento “Ressensibilizando Cidades”, promovido pelo Laboratório de Pesquisa Arquitetura, Subjetividade e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASC). O evento tinha como tema a possibilidade de experienciar à cidade a partir de suas ambiências, e dos desdobramentos possíveis dessa proposição. Foi alocada no Eixo 3: Experiência Cotidiana e Corpos Urbanos, coordenado pelas arquitetas pesquisadoras Julia Delmonds e Marília Chaves. Durante os dias do congresso, discutimos sobre a possibilidade de experienciar o espaço da cidade tendo o corpo como protagonista da discussão. Após dias de discussões e trocas, realizamos uma intervenção que se caracterizava

5 Segundo Lepecki (2012) os movimentos que revelam as rachaduras de um território, sua falha, que problematizam o corpo enquanto potência política nesse processo de percepção de forças e poderes que compõe tal território, podem ser chamadas de coreopolíticas: “coreopolítica é a revelação teórica e prática do espaço consensual e liso de circulação como máxima fantasia policial, pois não há chão sem acidentes, rachaduras, cicatrizes de historicidade. É na rachadura e no seu vazio plenamente potente, é no acidente que todo chão sempre já é, que o sujeito político surge porque nele escolhe o tropeço, e, no desejo do tropeço, ele vê o delírio policial da circulação cega e sem fim ser sabotado.” (LEPECKI, 2012, p.56). Em oposição a esses movimentos, como representação daquilo que regula e controla a normalidade no espaço, temos uma coreopolícia, responsável por garantir que as regras sociais de ocupação do espaço sejam cumpridas. A teoria de Lepecki está intimamente relacionada com a dança e é aplicada aqui como possibilidade de aproximar dança e arquitetura, como práticas correlatas na medida em que teorizam e trabalham com elementos similares: o corpo, o espaço e o próprio tempo. Assim, proponho entender o corpo como um corpo que dança o espaço, sendo essa dança caracterizada pelo próprio movimento, interligando assim a arte como saber através do qual proponho observar o espaço, e a dança como possibilidade de envolver o corpo em movimento, no seu tropeço que revela as rachaduras desse chão, ou seja, suas micropolíticas.

pelo emaranhado das pesquisas e práticas ali apresentadas. Coincidentemente (ou não), o roteiro de ação que levei foi condizente com boa parte da intervenção e com o que tem sido discutido aqui até o momento. Por esse motivo, e pela possibilidade de compartilhar momentos de troca (afinal o que seria o processo de pesquisa se não fosse esses momentos em que notamos que não estamos pensando sozinhas sobre o assunto, e que bom), acho interessante alocar aqui o relato dessa ação que considero uma urbgrafia.

A ação era simples: baseada nas possibilidades geradas pela reflexão sobre o ato de caminhar, e na tentativa de investigar formas distintas de executá-lo, fomos a campo na Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, e adotamos uma caminhada em coletivo que tentava desnORMATIZAR nossos corpos da experiência cotidiana que um centro urbano nos impõe: de ritmo acelerado e passagens rápidas. Para isso, conversamos um pouco sobre a técnica do Butô (dança oriental que, de forma resumida, se baseia na redução da velocidade de movimentação do corpo). De forma superficial devido ao tempo do qual dispúnhamos, nos concentramos na desaceleração do ritmo do caminhar, o que por sua vez gerava uma série outras de adaptações que o corpo precisa fazer para manter o equilíbrio nesse novo ritmo. Escolhemos apenas esse aspecto da técnica pois, para o que queríamos no momento, já seria o suficiente: uma tentativa de desnORMATIZAR o corpo de um caminhar que cotidianamente adotaríamos para aquele lugar. Em grupo, alguns de olhos vendados e outros não, caminhamos do CRAB<sup>6</sup>, localizado em uma das laterais, até o centro da praça nesse ritmo, onde começamos outro processo de interação com os estímulos (físicos, sonoros e vivos) que a praça nos fornecia. Os sons, os cheiros, as estátuas que rodeavam a praça e a que estava no centro da praça, as pessoas que passavam, tudo suscitou algum tipo de relação do corpo com o meio. A impressão é que, devido ao descondicIONAMENTO da longa caminhada, o corpo estava mais sensível a responder tais estímulos.

Caminhamos da saída do CRAB até o centro da praça, em grupo, em passos lentos, com a respiração controlada. Ouvíamos os ruídos dos carros, a música agitada, as pessoas passando compassadas e apressadas. De olhos vendados, a sensação era de que a cidade estava em câmera lenta, não eu, me dando tempo para ouvir e sentir cada estímulo que, em outro momento passaria despercebido, mas que ali pareciam se apresentar para minha “degustação”. Engoli cada som, cada passo incerto devido ao chão irregular e ao meu equilíbrio comprometido causado pela velocidade do caminhar [quando caminhamos de forma mais lenta, alteramos nosso eixo de equilíbrio, pois passamos mais tempo nos equilibrando em uma perna só, devido ao tempo que um dos pés está suspenso no ar para completar a passada. Da mesma forma a transferência de peso de uma perna para outra acontece de forma mais lenta, exigindo que o corpo se reorganize para sustentar seu próprio peso e dando a sensação de uma queda eminente a cada passada], cada desnível, cada cheiro bom ou ruim. Todos passavam por mim em câmera lenta, não eu. Também sentia o corpo do outro, que estava ao meu lado, sua respiração, o ritmo do grupo. Até um momento em que não senti mais. E nesse momento tirei a venda e deixei que a visão também me trouxesse estímulos.

Ao abrir os olhos encontrei vários corpos espalhados pelo espaço, experimentando, se deixando levar, fazendo movimentos aleatórios, protestando possibilidades de existência. Éramos em maioria mulheres. Estávamos livres, leves e soltas, nos mexendo como queríamos e experienciando aquela praça a partir dos sentidos que pareciam expandidos, descondicIONANDO da normalidade ou, como defendemos na conversa posterior, minimamente desnORMATIZADOS. A estátua da justiça que estava logo atrás de mim não foi perdoada. Ganhou faixas vermelhas, foi vendada, observada,

6 Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, onde ocorreu o evento.

questionada. O estímulo político não foi ignorado. Ao centro da praça a estátua de um homem a cavalo com índios e onças, encontrou o corpo negro ao chão, que tentava pedir socorro. Não era ouvido. Eu não tinha coragem de chegar ali, tinha vontade, mas algo me paralisava e não me deixava sair da velocidade de caminhada combinada.

Talvez a sensação de culpa e vergonha de gerações passadas e presentes. Até que esse corpo encontrou os braços de uma mãe, que com seu abraço materno retirou suas vendas, e fez com que todas nós fôssemos até elas, em busca de abraçar e ser abraçadas. Abraçamos. Nos olhamos. Sentimos a força daquela mulher e sua coroa, nos apoiamos. Estamos juntas.



FIGURA 5 – Ação no evento Ressensibilizando Cidades – Lasc/UFRJ, Rio de Janeiro, Dezembro de 2019.

Foto: João Pedro Pina.



FIGURA 6 - Ação no evento Ressensibilizando Cidades – Lasc/UFRJ, Rio de Janeiro, Dezembro de 2019.

Foto: João Pedro Pina.

Muito mais do que estímulos físicos e ambientais, o estímulo cívico, da pólis e do caráter democrático que aquele espaço representa dentro da nossa formação social, enquanto sujeitos políticos, nos perpassou naquela experiência. Cartografamos a estrutura física daquela praça, suas ambiências, e sua potencia simbólica enquanto espaço público. Tudo isso foi sentido e mapeado através da nossa subjetividade. O que, certamente, gerará diversos depoimentos-mapas, formas de contar e de falar sobre aquele espaço e sobre a experiência.

## Considerações ao final

Nesse ponto, proponho uma reflexão sobre o espaço enquanto articulação do tempo e do corpo, rebatido em materialidade/suporte de práticas – práticas que influenciam em sua materialidade. Ao mesmo tempo em que a articulação entre tempo e corpo significa o movimento que compõe o espaço, ele se realiza a partir das práticas executadas nele. Se o movimento pode ser pensado como espaço na medida em que articula o corpo em um suporte físico, o espaço pode ser definido pelo instante em que o movimento se instaura, sendo o corpo elemento transformador desse espaço

não apenas pela sua interferência na materialidade, mas também pela experiência do mesmo. Nesse sentido, podemos inserir a ideia de *coimplicação*, já que o movimento compõe o espaço e sua materialidade compõe o movimento. O espaço arquitetônico-urbano acontece a partir do momento em que a ação e os afetos são construídos, da mesma forma que, para a construção dessas ações e afetos, o suporte material arquitetônico-urbano é necessário, aparecendo como produtor de subjetividades.

A partir disso, trago o questionamento: porque isolar na materialidade construtiva algo que depende dos afetos que ali são tecidos e gerados para sua materialização? Ao mesmo tempo, trago a proposição: no intuito de pensar em outras formas de circulação desses afetos, proponho pensar e produzir o espaço arquitetônico urbano através da composição artística. E aqui, proponho as Urbgrafias: cartografias de ações e afetos no espaço urbano, realizados através da arte.

Proponho que as urbgrafias se configurem enquanto cartografias afetivas do espaço urbano, com o intuito da sensibilização do corpo de arquiteto urbanista aos afetos que compõe esse espaço. A ideia de composições surge como alternativa ao conceito de intervenção: não se propõe intervir de forma incisiva no espaço, pois as ações aqui propostas são micro ações desviantes. Propõe-se compor com esse espaço a partir da experiência subjetiva do corpo, para então, entender e identificar suas pré-existências não por saberes pré-estabelecidos ou pré-concebidos de maneira disciplinar, mas através da *experiência sensorial* do espaço. Essa *experiência sensorial* vem a partir da ideia de que o corpo sente e experiencia como um todo. A proposição é de não separar os sentidos, de não apreender de forma particionada esse espaço. A ideia é de que possamos através do corpo sentir e compreender os movimentos e afetos que compõe o espaço urbano e, a partir disso, propor e projetar o espaço.

A partir do momento em que a/o arquiteto urbanista se propõe a experienciar tal cartografia, no intuito de apreender o espaço através de saberes construídos pela própria experiência, pauta-se a questão do eu-político desse ser, em que olhar a cidade através da composição artística nos leva à política dos afetos em construção no espaço urbano, assim como às micropolíticas que constituem esse espaço. Proponho com isso, uma prática desviante da ação de projetar.

O conceito de desamparo aqui aparece justamente na possibilidade de não projetar nos territórios (e nas práticas desenvolvidas nesses territórios) saberes já constituídos, mas permitir-se poder-não saber para, a partir da experiência, poder-sim entendê-lo como desconhecido, ampliando assim as possibilidades de abordagem, de construção de possíveis, de formas de propor e projetar o espaço, assim como de pensar o próprio campo disciplinar.

Portanto, entender esse espaço construído pela ação de arquitetos urbanistas, pode ser compreender sua potência enquanto objeto inacabado, que vai ser construído a partir dos afetos edificados pela experiência do corpo nele. Torna-se necessário compreender não apenas sua estruturação física e suas possibilidades estruturais, mas sua potência como coadjuvante na formação da rede de afetos, além daquela de articular tempo e corpo. Seria entender os acidentes que compõe o solo urbano, atentar tanto para as relações que são estabelecidas entre corpo e chão, que compõem seus processos de criação de territórios e desterritorializações, quanto entender que esse chão carrega consigo uma formação histórica, e que diferentes chãos terão diferentes narrativas, diferentes relações e constituições de afetos. E aqui o território entra como elemento definidor de tais circuitos, onde ele se caracteriza como expressão desses afetos, pois "o território é extensão do corpo, é expressão do corpo, é contorno do corpo, é corpo. É como se fosse um corpo estendido no espaço, criando mais camadas de composição, de proteção, seria um corpo que por sua expressão desabrocha no espaço"(GUIZZO, 2010, p.8).

Porém, no exercício constante de duvidar, questiono se observar e propor o espaço a partir do corpo e de sua expressão no espaço, de suas práticas desviantes, de seu processo de formação de território e expressão, seria suficiente para questionar o poder hegemônico que organiza os espaços da cidade. Se pensarmos que o espaço é um elemento opressor, na medida em que organiza as práticas em torno de uma normalidade, como essa experiência poderia ser rebatida de fato na prática arquitetônica urbanística fugindo da ideia de opressão? Se ele participa de uma construção parcial de subjetividades, se ele possui uma relação de coimplicação com o corpo, como, além de organizador de práticas, ele pode ser proposto? Se existe um movimento não acabado em sua constituição, se ele só se realiza a partir das práticas, existe algo de inacabado que pode servir de gancho para proposições [não desviantes, pois segundo Santiago Cao, o corpo é que possui a potência de propor o desvio] pautadas na expressão e não na representação. A autora Iazana Guizzo nos traz essa pista quando pensa no espaço e no habitar enquanto forma de expressão e não de representação. Quando pensamos a partir da lógica de expressão do corpo no espaço, descentralizamos de uma forma única de habitar já que a expressão do corpo no espaço é diversa, depende do corpo e do chão no qual esse corpo está. Esta prerrogativa abre frestas para pensarmos no espaço construído através das narrativas ali inscritas, agenciando esse espaço em sua relação com aquele que habita e que inscreve tais narrativas no processo de territorialização. Ou seja, não se trata de construir sua materialidade, mas de agencia-la a partir da malha de afetos, potencializando as narrativas originárias inscritas no território. Seja em um quarto e sala, seja em uma praça ou uma rua pacata, pensar pelo viés expressivo ao invés do representativo pode reconfigurar o olhar sob os afetos que circulam no local, trazendo assim proposições singulares na relação com o espaço.

Experiências como as narradas aqui, colocam em evidência formas de expressão, estando à arte para arquitetura como potência disruptora e de dissenso, como possibilidade de desamparar as certezas racionalizadas da prática arquitetônica para incluir os afetos como potência de criação de um corpo político, que transgride a oficialidade da cidade planejada e exerce sua presença em existência na cultura de rua. Esses corpos resistem ao assujeitamento, se negam em vender sua experiência subjetiva do mundo aos padrões impostos. São aqueles que dançam, cantam e ocupam a rua com propostas de experiências singulares ou cotidianas. Também são aqueles que se sentam na esquina, no botequim, no bar pintado de amarelo e discutem sobre o desgoverno, que concebem, segundo o historiador e professor Luiz Antonio Simas em entrevista, “a rua como espaço de criação de sociabilidades de reexistência”, operam “estratégias de brecha, onde a vida vai sendo incessantemente criada”. Ou aqueles pequeninos que soltam pipa, jogam a bola velha entre um carro e outro e se escondem descobrindo outros lugares onde cabe um corpo. Esses também traçam coreopolíticas de existências, onde a sua presença, por si só, já questiona e transforma o espaço, já revela outras culturas de experiência da rua enquanto espaço de encontro, de criação, não apenas como espaço de passagem para o corpo normatizado para o trabalho, tal qual o capitalismo opera. São esses caminhares e corpos que operam um encantamento da vida, onde ela está desencantada.

Sair da representação de um status de sociedade para a composição da mesma enquanto prática processual, permite deslocar os saberes com os quais atuamos e observamos esse espaço, possibilitando ver através de saberes outros, construídos a partir do questionamento do que é normalmente instituído como prática e o que pode ser instituído como prática. É traçar as linhas de fuga necessárias para desterritorializar, assumir o corpo enquanto potência criadora e o espaço urbano como espaço de dissenso, sem perspectivas higienistas que tentem homogeneizá-lo em prol de poderes institucionalizados que, como já é sabido, tendem a priorizar classes específicas em prol de outras, excluindo estas do direito de habitar e fazer cidade.

## Agradecimentos

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro ao projeto de pesquisa desenvolvido. Aos artistas Gabriel Villas e Joice Shenckel. À professora Ethel Pinheiro e as arquitetas e pesquisadoras Julia Delmonds e Marília Chaves, assim como a toda equipe do LASC e do evento “Ressensibilizando Cidades”.

## Referências

CAO, Santiago. **Cartografia Sensíveis em espaços públicos**. Disponível em: < <http://santiagocao.metzonimia.com/cartografias-sensiveis>>, 2018.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein . Corpo e Cidade coimplicações em processo. In: **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n. 1 e 2, 2012.

GUIZZO, Iazana. **A urgência ética e política de incorporar às práticas urbanísticas a idade expressiva**. Disponível em: < <http://www.3margem.com.br/conteudo/2017/2/14/a-urgencia-tica-e-politica-de-incorporar-s-prticas-urbansticas-a-cidade-expressiva>>, 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. In: **Revista Ilha**, v. 13, n. 1, p. 41-60, Florianópolis, 2012.

NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia. **Urbgrafias: conceitos para experimentação da cidade a partir de micropolíticas e singularidades**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2018, 166p. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

### RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O **CADERNOS PROARQ (issn 2675-0392)** é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

**Submetido em 28/09/2020**

**Aprovado em 14/12/2020**